A MAIS AMADA

R. W. GOMES

Purifica o teu coração antes de permitires que o amor entre nele, pois até o mel mais doce azeda num recipiente sujo.

PITÁGORAS

A Deus e a todos aqueles que contribuíram para esta história.

ÍNDICE

1. BUQUÊ DE SANGUE
2. SR. SCHNEIDER
3. CACO
4. PARCERIA
5. RUMO AO ALTAR
6. CONDIÇÃO
7. O BEIJO
8. INTERESSES
9. REVELAÇÃO
10. VINGANÇA
11. VIRANDO O JOGO
12. TEQUILARIA
13. TRANSE
14. ILEGÍTIMA
15. O ÚLTIMO TRANSE
16. SUBORNO
17. PATERNIDADE
18. SABOTAGEM
19. CILADA
20. RETRIBUIÇÃO
21. A CAIXA
22. EM CHAMAS
23. DECISÃO
24. VERDADE
25. O PEDIDO
26. A MENTIRA
27. A FESTA DO ANO
28. O MELHOR DOS GRITOS

PRÓLOGO

NAVEGANTES, SC

O cheiro de maresia não estava tão desagradável. O céu tinha uma nuance muito característica daquela região, com um tom azul incontestavelmente paradisíaco, com nuvens esparsas dançando no meio do teto turquesa infindável. Enquanto o veículo cruzava a rodovia, deixando a cidade para trás, podiam ver, através do vidro, os inúmeros barquinhos atracados lado a lado, com pescadores caminhando pela areia da praia. O som do mar podia ser ouvido, com sua musicalidade que enlevava as duas dentro do veículo. Sorriram, dando boas-vindas à vida entrando pelo teto solar escancarado do carro. A que dirigia respirou fundo, otimista quanto ao seu futuro, porque, naquele instante, caminhava finalmente para a sepultura de seu passado. A do lado, brincando com seus cabelos soltos, pensou que, pela primeira vez em anos, sua vida estava realmente sendo plenamente vivida, sem meias verdades.

Elas deram as mãos e entraram com o carro na pequena e charmosa colônia germânica.

PARTE UM

1. BUQUÊ DE SANGUE

Quando entrou na igreja, dando passos lentos, compassados e seguros, pôde perceber a atenção massiva voltada para si. Não podia ser diferente mesmo, aquele era o seu grande dia, o momento em que iniciava a fase mais feliz de sua vida. Qualquer um ali presente estava, podia apostar, torcendo muito por ela, fazendo os melhores votos para que aquele início de vida nova fosse o mais perfeito possível. Reforçara suas chances tentando convidar somente pessoas que significassem efetivamente algo para ela. Pela atmosfera que a recebia, acertara em cheio. Tudo conspirava a seu favor. Por um ligeiro momento, experimentou a sensação de que podia voar, abrindo seus braços e deixando que o sentimento dentro dela lhe desse asas para levá-la ao céu, junto dele. Seus olhos, impecavelmente pintados, sentiram a precipitação das lágrimas, era difícil não pensar nele e resistir ao ímpeto de gritar, de abrir a boca o mais largo que podia e berrar para todo mundo escutar e, quem sabe, dimensionar o tamanho de sua dor, o grande buraco aberto nela. *Não posso estragar esse momento*, pensou, tentando convencer a si mesma de que era forte o bastante para vencer a memória e prosseguir.

Com esse pensamento, apertou o buquê de rosas vermelhas e continuou caminhando. Lembrou das palavras de ordem do mestre de cerimônias, que os deixara exaustos durante os ensaios relâmpagos na semana passada. Pelo que se lembrava das aulas e o modo com que avaliava seu andar naquele momento, Lara sabia que não estava fazendo feio. Olhou para as pessoas em pé, todas apreciando seu vestido branco enfeitado por pérolas, e julgou estar fazendo tudo perfeitamente como havia imaginado. Sua mãe lhe contara qual era a sensação de estar num altar, prestes a ser entregue ao homem de sua vida. *Um misto de sonho e pesadelo*, dissera dona Emília, com sua voz

branda. Lara ficara intrigada com a definição. E agora, quando o seu momento se desenrolava pelo *hall* da igreja, julgou que a mãe tinha certa razão. Havia um misto agridoce dentro dela, mas que não a deixava em dúvidas, pelo contrário, precipitava nela um desejo cego de seguir em frente o mais depressa possível para conferir o que o destino lhe reservava ao lado dele.

Agora, caminhando pelo centro da igreja e sentindo seu véu de dezesseis metros se arrastar como um escravo em busca de seus pés, Lara o contemplou como nunca havia feito antes, o homem da sua vida. Ele estava exatamente onde deveria estar, ao lado do padre, com as mãos unidas na frente do corpo, um sorriso estampado na face, o cravo na lapela, e aquele olhar de menino pidão que a cativara desde o primeiro esbarro no campus da universidade. Iran era o noivo mais lindo do mundo. Por mais que não tivesse consciência de sua beleza, Lara sabia, ele poderia se dar muito bem numa carreira de modelo, caso a engenharia não lhe atendesse as expectativas. O rosto dele era quadrado, severo, mas cada vez que abria um sorriso, esses traços mais rígidos se convertiam em um olhar de menino, quase angelical; e as gargalhadas dele a deixavam com a sensação de estar amando um menino de dez anos. Dos olhos negros, emanava um brilho de energia contagiante, cada palavra dele e cada gesto, tudo se somava a um turbilhão caótico de felicidade que dava a impressão de ter ganhado na loteria. Os cabelos encaracolados, curtos, também muito pretos, traziam um corte bastante simples, Lara tinha de admitir, mas nem por isso deixavam de contribuir para dar ao rosto dele o acabamento final de beleza. O que mais gostava era o queixo, pontudo, protuberante; quando criança deveria usar isso a fim de dar ênfase aos beicinhos para os pais. *Lindo.*

Lara delineou um sorriso e finalmente se aproximou dele, ficando lado a lado.

Os convidados se assentaram. A marcha nupcial cedeu lugar a um silêncio preenchido pela voz sonora do padre, que discorria sobre a união santa que se firmava naquela noite. Sentada na primeira fileira, ao lado da mãe, Rosa pensou se um dia conseguiria ser como Lara. Deu

uma olhada ao redor e reparou em várias colegas de faculdade da irmã, todas impecavelmente vestidas, observando atentamente cada detalhe da cerimônia. Certamente estavam guardando tudo para fazerem melhor quando chegasse a vez delas. Havia um ar de competividade que Rosa se admirou por ninguém exceto ela ter notado. Respirou fundo nesse momento e olhou para a irmã, a noiva mais bonita que já vira na vida. Como seria agora a vida sem ela dentro de casa? O que restaria dela e de sua mãe? Sozinhas. Olhou para o lado e segurou firme a mão de Emília. Esta chorava muito, tentando não borrar a maquiagem, mas incapaz de resistir ao ímpeto de ver sua primogênita se casando e não desabar.

— Ela tá linda, não tá? — comentou Rosa.

Emília assentiu e achegou-se ao ombro da filha. Rosa sorriu e correu os olhos pela igreja. Foi nesse momento que ela viu Donny, parado na outra bancada, olhando o casal apaixonado no altar. Rosa sentiu o coração bater depressa e um gelo se formar em seu estômago. Não demorou para ele desviar o olhar do altar e encontrar seus olhos. Os dois ficaram assim por um momento, como se pudessem se comunicar por algum tipo de telepatia. *É hoje*, pensou Rosa, *hoje tudo vai mudar. Será melhor assim.* Olhou para a irmã, trocando as alianças com o noivo. *Desculpe, Lara, me desculpe. Mas será para o seu próprio bem. Aproveite enquanto é tempo.*

— É agora, Lara! Joga que é meu! — gritou Helô, uma gordinha metida num vestido preto apertadíssimo, estudante de medicina da turma de Lara.

— Vai que eu desencalho hoje, aqui mesmo na festa! — outra riu, enquanto olhava esperançosa para os lados à procura de seu futuro noivo.

— Preparadas? — perguntou Lara, de costas para elas, segurando seu buquê.

— Preparadíssimas! — exclamou Rosa.

Lara prendeu o fôlego nesse momento. Ouvir a voz da irmã foi como pisar em falso num campo minado. Não havia se esquecido dela, mas lembrar daquela criatura no dia mais importante de sua vida não

estava em seus planos. Sentiu imediatamente a garganta ficar seca e a vontade desesperada de se virar e expulsá-la daquele lugar. Por que estava ali? Por que estava em sua vida? Rosa simplesmente não poderia desaparecer para sempre? Como num passe de mágica? Lara sentiu as pernas vacilarem, a mesma sensação incômoda que sentia quando ficava perto dela. Era um sentimento confuso, parecia implicância, nojo, ódio, tudo junto e em proporções desordenadas em sua cabeça. Agora, sentindo a ansiedade de todas as mulheres atrás dela, Lara respirou fundo e disse:

— Preparam-se! É um... é dois...

Rosa e as outras mulheres começaram a se acotovelar, ansiosas para pegar o buquê. Lara prosseguiu sua contagem:

—... três... e... já!

Ergueu suas mãos e sentiu o buquê precioso subir ao ar como um balão, escapando de seus dedos. Foi uma sensação estranha, como se estivesse jogando sua felicidade pelo ar levianamente. Lara sentiu que, por algum motivo, alguma coisa lhe escapava naquele momento. Um aperto no peito a fez se virar quase na mesma hora que jogou o buquê para ver quem fora a felizarda presenteada. Fechou os olhos e virou-se, sorrindo.

— É meu! É meu! — gritou Rosa, segurando o buquê já despedaçado nas mãos.

Lara abriu os olhos e sentiu a face se contrair. Rosa a encarou, com aqueles olhos amarelos incômodos, perturbadores de sempre. *Ela é apenas tímida, filha, tenha paciência com ela*, as palavras do pai ecoaram nítidas em sua cabeça contra a sua vontade. Lara ficou ali, tentando racionalizar a situação: Rosa pegara seu buquê. Roubara-lhe mais uma vez. Entretanto, sabia que não deixaria nada estragar sua noite; em poucas horas, estaria no Ceará junto de Iran, longe de tudo aquilo. Delineou um sorriso canastrão e bateu palmas para a irmã.

Iran e Lara estavam em lados opostos do salão de festas. A música começou a tocar e somente os noivos puderam dançá-la antes que os demais convidados se achegassem para se acabar na pista. No teto, as luzes caleidoscópicas começaram a espocar, brilhando intensamente

ao som de lambada. Iran e Lara se olharam, demonstrando num sorriso de canto de boca a cumplicidade que surgira entre eles com apenas seis meses de namoro. Lara, erguendo parcialmente seu vestido, veio se aproximando dele, rebolando, sensual, como se atiçando no seu homem suas mais recônditas fantasias sexuais. Iran, também rebolando, veio a seu encontro. A multidão de convivas que os circundava aplaudiu e assoviou. Aquele era o casal perfeito: jovens, bonitos e cheios de vida. O futuro deles juntos seria um verdadeiro conto de fadas. Lara envolveu seu marido com seus braços finos e beijou-o.

Houve um frisson na multidão e mais aplausos. Esse foi o sinal para todos se aproximarem e começarem a dançar. Enquanto os noivos ainda permaneciam no centro, Rosa, a poucos metros de distância, dançava sozinha, ainda segurando o precioso buquê nas mãos. Das pétalas vermelhas, poucas sobraram; muitas estavam pelo chão, sendo pisoteadas vigorosamente pelo seu salto agulha. Sentia em seu peito a precipitação da felicidade. Aquela noite estava apenas começando e seus pensamentos não paravam de ensaiar mentalmente tudo o que aconteceria em pouquíssimo tempo. Olhou para Iran, abraçado a Lara, e pensou: *Só mais um pouquinho... aproveitem... aproveitem...* Rosa sorriu, abriu seus braços e, diante da música altíssima, gritou feliz, rodopiando e rebolando. Ela iria gritar muito naquela noite. *Muito!*

Donny apanhou uma taça de champanhe de um dos garçons que circulavam pelo salão de festas. Consultou seu relógio e tomou um gole, sentindo o gosto da bebida gelada enrijecer todo o seu peito espadaúdo. Metido em seu meio-fraque, Donny se sentiu, de alguma forma, como pertencente daquele ambiente. Era incrível como uma roupa e um banho de loja podiam dar a sensação de aristocracia que provava naquele momento. Sorriu e bebeu mais um pouco. Observou as belíssimas garotas que dançavam próximas dele e pensou em como seria ir para a cama com todas elas ao mesmo tempo. Seria um sonho! Ele riu e tomou mais um gole. Caminhou por entre as mesas dos

convidados e avistou-a, sentada ao lado do marido. Sorriu e achegou-se.

— Que festa linda! — comentou, puxando uma cadeira e sentando-se.

— Eles merecem, não? — sorriu Toni que, como de costume, trazia seu cabelo grisalho impecavelmente penteado para trás — E você? Quando será a sua vez?

— Minha? — Donny riu, balançando a cabeça — Não sei mesmo! Honestamente... eu só tenho vinte e quatro anos e uma miséria na poupança... não conseguiria bancar uma festa dessas nunca!

Toni sorriu e abraçou a esposa com um braço. Donny olhou para Irene, inegavelmente linda em seu vestido creme, com os cabelos vermelhos recém-tingidos.

— Conta pra ele, querida... — pediu Toni —... conta como a gente se casou em Várzea Grande e servimos pão com carne moída e tubaína para os convidados.

Irene deu um risinho tímido e encarou Donny. Este ficou sério, esperando pela resposta. Houve silêncio e ela conseguiu dizer:

— Foi ótimo, apesar de tudo. O que importa é o amor.

— Eu imagino, dona Irene. Eu imagino que tenha sido ótimo. — confessou Donny, sem tirar os olhos dos dela — O que realmente importa é o amor, não é mesmo?

— Isso! — exclamou Toni, estendendo sua taça para um brinde.

Eles brindaram.

— Com a licença de vocês... — Donny se levantou e encaminhou-se para a pista de dança.

— Esse menino tem futuro. Não acha? — perguntou Toni.

Irene observou Donny dançando *funk* agora, junto dos outros jovens. Sorriu, sem graça, e respondeu:

— Acho sim, querido. Um pouco de polimento e ele chegará aos joelhos do nosso filho.

Donny dançava muito bem *funk*. Era seu ritmo predileto. Imediatamente quando começou a dançar, as garotas ao redor abriram

espaço para vê-lo se exibir. Ele tinha desenvoltura e seu corpo musculoso e taludo impressionava com a flexibilidade e agilidade. Ele riu ao notar os olhares em cima dele. Parou por um momento ao avistar Iran e Lara, ainda dançando no centro do salão. Correu os olhos pela multidão e, por entre as luzes multicoloridas, avistou Rosa, olhando para ele. Donny fechou o rosto e fez um sinal com a cabeça. Rosa, então, aproximou-se dos noivos. Ele fez a mesma coisa.

— Eu casei, mano! — berrou Iran, abraçando Donny com força.

— Parabéns! — o outro gritou, assoviando e bagunçando os cabelos do noivo.

Lara sorriu e viu Donny abraçá-la forte. O braço dele a puxou para si com demasiada intensidade. Ela achou que ele queria quebrar sua coluna naquele momento. Rosa cumprimentou Iran com um demorado beijo no rosto.

— Vocês são o casal mais lindo do mundo! Parecem de novela! — riu.

— Obrigado, Rosa. Mas é a sua irmã a noiva mais linda desse mundo! — Iran beijou Lara.

Donny e Rosa trocaram um olhar.

— Nosso pai ficaria orgulhoso. — cochichou Rosa no ouvido da irmã.

— O *meu* pai ficaria sim. — Lara replicou, séria — O *seu*, eu nunca conheci.

Donny e Iran não perceberam a tensão entre elas, porque estavam dançando e conversando sem parar. Rosa encheu os olhos de lágrimas e murmurou:

— Que crueldade...

Lara fez um sinal dizendo que não ouvia nada do que a outra falava. Virou as costas e começou a dançar de novo com Iran. Rosa se aproximou de Donny e deu-lhe um cutucão nas costelas. Ele se virou e viu-a se afastar pela multidão. Os noivos se abraçaram e beijaram-se.

— Tá feliz? — perguntou Iran no ouvido de Lara.

— Muito! Promete que nada vai estragar nossa felicidade hoje?

— Prometo! Vou fazer de você a mulher mais feliz do mundo!

Eles se beijaram ardentemente, enquanto a música e as luzes coroavam seu amor.

O céu cheio de estrelas era agora coberto por nuvens de chuva. No estacionamento, Rosa estava parada em frente ao Corolla preto, em cuja rabeira estavam as tradicionais latinhas e a placa de RECÉM-CASADOS. Ela não tirava os olhos da placa. Estava queda, como se paralisada. Sua mente era um turbilhão só de imagens e recordações. Entrementes, sabia que deveria se controlar. Em breve, tudo voltaria ao normal, como sempre deveria ter sido.

— Pensando em quê? — ouviu a voz de Donny, atrás dela.

— Tá pronto?

Donny tragou em seu cigarro e olhou para o carro.

— Tudo pronto.

Rosa derramou uma lágrima, limpou-a e virou-se para ele.

— Então vamos acabar logo com isso.

Ele assentiu e tragou, jogando a bituca no chão.

Iran, enquanto bebia um pouco de uísque e trocava algumas palavras com seu pai, Toni, avistou Donny do outro lado do salão o chamando.

— Meu filho, você está passando hoje por uma ponte... — disse, pomposo, Toni — Agora virão responsabilidades para as quais um homem jamais pode virar as costas...

Iran terminou rápido seu uísque, entregou o copo ao pai e cortou-o:

— Pai, só um minuto! Eu preciso resolver um probleminha...

— Mas filho...?

Lara, sentada à mesa junto de Emília e Irene, sorria sem parar, enquanto descrevia:

— É exatamente como eu imaginava. Tô me sentindo mulher! Deixei de ser só uma namorada, sou *esposa!* Isso não é maravilhoso?!

Irene afagou o rosto da nora.

— Você será muito feliz, minha linda. Muito feliz...

Emília, que ainda chorava, comentou:

— Seu pai morreria de orgulho.

Lara marejou os olhos e abraçou a mãe apertado.

— O que é que você tá me falando, cara?! — perguntou, irritado, Iran.

— Foi o que ela me disse. Acabou de me ligar. Tá passando mal. Deu entrada no pronto-socorro, mas precisa da sua assinatura porque o plano tá...

— Cala essa boca, Donny! — sibilou, olhando preocupado para os lados — Isso não podia tá acontecendo... eu e a Lara viajamos em uma hora... Como é que eu vou resolver essa merda?! Droga!

— Meu, não tem outro jeito. Se eu fosse você, ia até lá e resolvia essa parada em dois tempos. É só uma assinatura!

— São cinquenta quilômetros!

— Que seja, cara! É melhor viajar amanhã cedo do que nunca mais poder viajar com a Lara...

— Que é que eu faço, meu Deus...? — Iran coçou a cabeça, agitado.

Lara, sentada ainda à mesa, observou o noivo, muito nervoso, sair do salão às pressas com Donny. Franziu o cenho e, inexplicavelmente, sentiu o coração pular dentro do peito. Rosa se aproximou dela nesse momento, segurando o buquê nas mãos.

— A próxima serei eu. Essa é a regra, não é?

Lara levantou e, ignorando a irmã, encaminhou-se para a direção que Iran e Donny haviam tomado. Rosa ficou estática e perguntou à mãe:

— Onde ela vai?

— Atrás do noivo, sem dúvida. — respondeu Emília.

— Não quer sentar com a gente? — convidou Irene.

Rosa não respondeu e saiu atrás da irmã.

— Esses jovens, não repare, querida. — pediu Emília, envergonhada.

— Eu sei como são... eu sei... não se preocupe.

Iran entrou no Corolla e ligou a ignição. Baixou o vidro e avisou a Donny:

— Se perguntarem por mim...

— Você foi cuidar das passagens do voo que foi cancelado pelo mal tempo. — repetiu o amigo, como se tivesse decorado a fala.

Iran assentiu. Quando olhou para o retrovisor para dar ré, estacou vendo Lara, atrás do carro. Ela franziu o cenho e aproximou-se do vidro do passageiro.

— Onde você tá indo?

Donny e Iran trocaram um olhar.

— Eu recebi um telefone da agência dizendo que eu precisava rever as nossas passagens. O voo foi cancelado. Se eu não for agora, a gente não consegue embarcar amanhã. É jogo rápido. Não posso deixar isso nas mãos deles. É a nossa lua-de-mel, lindinha.

Lara entrou no carro.

— Vou com você então.

Iran a encarou, sem saber o que dizer. Donny, tenso, pressionou os malares e viu Rosa se aproximando.

— O que ela tá fazendo aí dentro? — sibilou.

— Quer ir com ele. — respondeu, agitado.

Rosa, com o rosto apavorado, olhou para o carro. Dentro deste, Iran segurou as mãos de Lara e disse:

— Minha linda, não precisa. Curte a festa. Eu volto em meia hora...

— Não... — beijou-o na boca —... quero ir com você. Eu te espero no carro.

Rosa entrou pela porta do banco de trás.

— Detesto ser pidona, mas você me dá uma carona pra casa, Iran? Minha mãe ficou de voltar com seus pais e eu não quero esperar. Tô bêbada demais pra dirigir.

Iran arregalou os olhos. Lara fechou o rosto e cruzou os braços, visivelmente incomodada com a intromissão da irmã. De repente, a porta de trás se abriu e Donny entrou.

— Acho que cabe mais um aqui. — piscou para Iran, que o observava pelo retrovisor.

O Corolla, então, saiu pelo estacionamento.

Começava a chover fininho. Enquanto Iran abastecia o carro no posto de gasolina, Rosa e Lara esperavam perto de uma das bombas. Os frentistas e alguns clientes observavam com curiosidade a noiva ali, parada no meio da noite rumo à sua lua-de-mel.

— Toma. — disse Rosa, devolvendo o buquê para a irmã — Sei que você queria que eu não tivesse pegado.

Lara segurou o buquê e, antes de responder qualquer coisa, ouviu Donny gritar:

— Vamos!

Antes que elas entrassem no carro, Iran, no volante, falou:

— O que eu faço agora?

— Relaxa. Eu dou um jeito de passar mal e a nossa futura médica vai me atender. Você segue sozinho.

Lara veio e tomou seu lugar no carro. Rosa sentou ao lado de Donny e imediatamente passou para ele uma mensagem de texto. O Corolla saiu do posto.

O SMS dizia: MUDANÇA DE PLANOS. PARA ESSE CARRO! VAI TODO MUNDO MORRER! Rosa recebeu a resposta em seguida: A IDEIA FOI SUA, PORRA! RESOLVE!

Iran dirigia preocupado, com o rosto carregado. O veículo passava agora por uma rodovia cerceada por araucárias e uma névoa começava a surgir ao longe, enregelando tudo ao redor. Lara ligou o rádio e um *funk* começou a tocar. Ela acariciou os cabelos da nuca do noivo e beijou-o carinhosamente no rosto.

— Cadê seu buquê? — perguntou Donny a Rosa.

— A Lara confiscou.

— Eu não fiz isso! — rebateu a noiva, irritada, apertando o buquê em sua mão — Você devolveu!

— Qual é, Lara? — começou Rosa — Até no dia do seu casamento você vai me tratar assim? Se a sua festa foi linda daquele jeito, foi porque eu e a mamãe demos o sangue pra arrumar tudo com aquela decoradora burra que a mãe do Iran contratou.

— Vai fazer cobrança?! — revoltou-se Lara — Mas é bem a sua cara, né, Rosa?! Ajuda... ajuda... toda prestativa... mas depois mostra a conta!

— Estão me atrapalhando! — irritou-se Iran — Desliga esse rádio!

— Olha as curvas...! — admoestou Donny.

— Para o carro. — pediu Rosa — Agora! Eu preciso vomitar! Para!

— Espera chegar no acostamento! — aborreceu-se Lara, desligando o rádio.

— Para agora! — berrou Rosa, percebendo a velocidade do carro.

— Não grita no meu ouvido!

Foi nesse momento que Lara, ao virar-se para jogar o buquê para a irmã, que seu corpo resvalou no banco e esbarrou no braço de Iran, fazendo-o perder o controle da direção. Do outro lado da rodovia, na contramão, um caminhão se aproximava. Iran gritou e pisou no freio, mas este, para sua desgraça, não funcionou. Houve, então, apenas os gritos dentro do Corolla, enquanto este bateu na frente do caminhão e foi lançado para fora da pista, rodopiando. Lara sentiu seu corpo ser jogado de um lado e outro e a única fonte de apoio que conseguiu encontrar foi o buquê despedaçado em sua mão. Os gritos foram suplantados pelo som das ferragens do carro sendo contorcidas, e Lara pôde ver as rosas vermelhas do seu buquê escurecerem e esfacelarem-se de vez por entre seus dedos frágeis. Pensou em chorar, mas não havia mais tempo para isso. Estava na hora de morrer.

2. SR. SCHNEIDER

Esperá-lo chegar do trabalho nunca fora uma tarefa que considerasse entediante, sem atrativos, como sempre enfatizava sua mãe, ao vê-la diligentemente começar a contar as horas para o horário em que ele atravessaria o portão. Lara pensou nisso e já pôde visualizar a maneira firme que ele caminharia pela estradinha cerceada por tulipas, o som do couro das botas dele pisando no chão de pedras, como um verdadeiro gigante. O som era vívido em seus ouvidos, que nesse momento acomodavam os brincos de pérolas que ele lhe presenteara no último Natal. Em seu quarto, as janelas permaneciam abertas, deixando os raios de sol adentrarem solenemente e irradiarem os rostos de suas bonecas, adequadamente dispostas na prateleira de mogno. Limpara cada uma com cuidado e paciência na noite passada; ajudara a mãe a lavar as roupinhas e passar tudo. Pareciam princesas, dignas de viverem nos castelos mais bonitos e luxuosos. Lara sorriu e olhou no espelho pregado na porta do guarda-roupa.

Os brincos combinavam com a cor creme de seu vestido de renda, com um laço azul gigante no meio das costas; a figura olhando para ela era simpática: uma menina de onze anos, começando a se tornar uma garota, como bem sinalizavam os bicos inchados de seus seios. Os cabelos, cortados rente ao queixo, desciam escorridos mudando de cor; as raízes eram negras, mas os contornos das pontas pareciam ameaçar se transformar numa nuance de vermelho acobreado, igual aos cabelos da mãe. Seus olhos, de um verde-oliva, estavam arregalados, não porque estivesse com medo, mas porque era assim que eles eram; sempre alertas, como se, a qualquer momento, precisasse correr. O nariz arredondado, onde o pai lhe beijava sempre, tinha sardinhas que rogava a Deus todas as noites que desaparecessem quando ficasse moça. Lara contemplou sua figura e deu uma volta minuciosa, constatando que estava cada dia mais esguia. Cresceria

muito e depressa. Logo seria uma mulher. E ela mal podia esperar esse momento chegar.

Em breve, pensou, enquanto se virava para sua cama e ajeitava as almofadas vermelhas em formato de coração. Respirou o ar amadeirado do quarto e caminhou até a cômoda, acendendo o incenso de capim-limão que o pai adorava. Estava tudo pronto para recebê-lo. Em poucos momentos, sua solidão semanal se extinguiria e daria lugar a uma felicidade absurda de estar ao lado dele. Sentiria aquela barba espessa e basta, tolerada na esfera militar por esconder uma cicatriz de infância, roçar seu pescoço delicado, deixando marcas avermelhadas que às vezes duravam horas em sua pele; era a marca dele, o modo rústico que encontrara de dizer que a amava. A precipitação de sua chegada a fez sentir o próprio peso das mãos dele quando segurava as suas nas dele, um toque autoritário, exigente, amedrontador. Lara sorriu e passou a língua pelos lábios pintados num batom discreto cor-de-rosa. O gosto do chocolate suíço lhe veio imediatamente à memória. Escolheria os maiores bombons e pediria a ele que pusesse em sua boca, de olhos fechados, e depois lhe desse um beijo longo e demorado na bochecha, enquanto ouvissem Carlos Gardel no rádio. Lara exultou e consultou seu relógio de pulso. Faltava pouco. O Sr. Schneider chegaria.

Lara deixou seu quarto e seguiu pelo corredor de tacos. O cheiro do assado da mãe já começava a incendiar a casa. *Vitela*, repetiu, *ao molho madeira, salada de laranja e doce de figo.* Essa era a refeição predileta do Sr. Schneider, e um dia, Lara projetava, saberia como preparar uma que superaria a da mãe, e, por isso, seu pai a amaria muito mais ainda. Sorriu ao cogitar a possibilidade e entrou na sala grande de móveis de jacarandá. Olhou para o rádio e a coleção de vinil de Gardel ao lado, prestes a movimentarem a sala e fazê-la viver o dia mais feliz de sua vida. Sentou, quieta, no sofá, e sentiu o coração bater depressa.

Emília entrou em seu banheiro. Fechou a porta e estudou sua figura na frente do espelho. Nunca se considerara bonita de verdade; sabia que seu rosto era ordinário. Os olhos um pouco fundos de mais, como se

passasse noites e noites em claro lendo; sabia que não era verdade, só conseguia ler a Bíblia durante as tardes, depois de um chá bem açucarado de camomila. Herdara da mãe aquele olhar cansado, exausto, que a deixava tonta só de olhar para seus olhos. Os cabelos encaracolados, sempre reféns de ramonas e presilhas, não tinham nada de charmosos, só serviam para cobrir o escalpo mesmo. Ela se achegou a pia e abriu a torneira, deixando a água quente do cano correr por um momento. Jogou-a no rosto e abriu parcialmente sua blusa. Viu a marca vermelha acima do peito direito, ainda arroxeada e disposta a permanecer ali por mais alguns dias. A última vez fora intensa demais. Ela encheu os olhos de água nesse momento, sentindo um desejo quase cego de gritar e estilhaçar o espelho com suas próprias mãos. Se morresse naquele minuto, pouca gente choraria sua morte. Só havia um ser que verdadeiramente se importava: Jesus Cristo.

Em seu quarto agora, Emília se ajoelhou em frente ao seu altar particular. Viu a cruz com o Cristo e persignou-se. Trêmula, segurou seu terço nas mãos e começou sua prece costumeira de domingo, antes da chegada do marido. Por que ele a escolhera? Por que tivera de renegar a vida promissora no convento, seu grande sonho de menina, e casar-se? Tornar-se uma Schneider nunca fora seu projeto de vida. Pensando nisso, Emília derramou lágrimas e lamentou por, aos trinta e poucos anos, ser uma reles dona-de-casa servindo um marido, quando poderia estar vivendo dias gloriosos cheios de júbilo exercendo o ofício de madre bondosa e caridosa, desposada por Cristo. Ela terminou, então, sua prece, e deixou o quarto, enxugando as lágrimas.

Emília passou pelo corredor e viu Lara sentada no sofá, estática, à espera do pai. Ela sorriu para a filha e continuou seu caminho até a cozinha. Pegou o telefone na parede e discou o número que lhe fora dado. Esperou chamar quatro vezes até uma voz entediada atender.

— Orfanato Divina Morada.

— Bom-dia. Eu sou Emília Schneider. Gostaria de saber se meu marido já saiu daí.

A voz ficou subitamente animada do outro lado.

— Sra. Schneider! Que surpresa! Como vai?
— Na santa paz de Cristo.
— O seu marido saiu faz um tempo. Deve estar chegando.
— Ele está trazendo a...?
— Sim! Deu tudo certo!
Emília apertou o fone nesse momento e olhou para o corredor.
— Como ela é?

O ronco do Jipe Bandeirante já era mais que familiar a Lara, e conseguia distingui-lo dos demais veículos da rua tão logo cruzava a esquina. Ela pulou do sofá e saiu em disparada pela porta da sala. Ficou parada na soleira, bem no final do passo de pedra que chegava ao portão de ferro com duas gárgulas em cada lado. O coração parecia querer sair pela boca. Respirou fundo e esperou, contando até dez. Em poucos segundos, o carro encostou na frente da casa. Houve o fragor do motor sendo desligado, a movimentação pesada dele lá dentro e, finalmente, a porta dura e sem óleo sendo aberta. Walter Otto Schneider desceu, pisando forte no asfalto com seu coturno preto. Era um homem grande, quase dois metros de altura, corpulento, rosto romano e queixo proeminente; havia um tom inegavelmente ariano em seu rosto; era severo, avermelhado e sempre tinha a mesma expressão: sobrancelhas franzidas, como se propenso a discutir ou bater em alguém ao menor dos estímulos. Nunca mudava aquele olhar. Trazia uma barba espessa, que crescia desde o final dos lóbulos até as entradas do nariz adunco; poucos fios grisalhos manchavam o negrume daquela barba. Lara o observou com orgulho. Era filha de um coronel do exército, poderoso, muito importante e temido. Como de costume, contou todas as medalhas que ele carregava penduradas em sua farda, ostensivas e reluzentes. Dezessete! O Sr. Schneider não era qualquer um. *Meu pai. Meu pai.*

Otto deu a volta no carro e esse foi o momento que Lara viu nas mãos dele a tradicional caixinha de chocolates suíços. Sentiu a língua umedecer com a possibilidade de comê-los depois do almoço. Sorriu e não resistiu, mesmo sabendo que era proibido esse arroubo, em dar um gritinho e acenar para o soldado que chegava. Entrementes,

ignorando-a, Lara viu o pai se encaminhar até a porta do passageiro e abri-la. Foi nesse segundo que percebeu que, pela primeira vez, trazia uma visita. Lara enrugou a testa e, atrevida, deu dois passos para frente. Otto abriu a porta e sua voz rascante soou como um trovão:

— Pode descer. Chegamos.

Do banco do passageiro, desceu uma criatura que Lara, à primeira vista, julgou ser de outro planeta. Ela tinha mais ou menos a sua altura, só que aparentava anos mais velha. O corpo parecia um esqueleto coberto por trapos cor-de-rosa que, somente depois de uma análise mais apurada, descobrir-se-ia se tratar de um vestido de segunda-mão; os ombros descobertos pareciam inchados, como se prestes a estourarem a carne e deixarem os ossos à mostra. Os cabelos presos revelavam duas horríveis orelhas de abano, que não tinham brincos para enfeitá-las. Lara pensou que colocar brincos ali seria como deixá-las mais bizarras do que já o eram. Ela engoliu em seco e desceu os olhos, escrutinando a figura. As pernas, assim como os braços, pareciam ser de outra pessoa, maior e mais magra; a impressão que dava é que alguém juntara desordenadamente cada membro do corpo dela e tentara produzir um ser humano. Lara fez uma careta e decidiu fitar a criatura nos olhos. Foi aí que seu corpo sofreu uma contração, um espasmo involuntário que quase a fez perder o equilíbrio. Os olhos da criatura não eram humanos; eram de gato: um tom amarelo salpicado de verde. Estranhos, intensos e perturbadores. Lara sentiu que estava nua, exposta para o horrendo deleite daquela figura. Foi somente nesse momento que percebeu se tratar de uma menina.

Otto abriu o portão e sorriu timidamente para Lara. Piscou e virou-se, fazendo um gesto para a estranha entrar.

— Vamos, entre. — encorajou ele — Seja bem-vinda.

Lara deu alguns passos e falou:

— Oi. Meu nome é Lara. Qual é o seu?

Otto sorriu e disse à menina estranha:

— Não te falei? Ela é muito legal. Serão verdadeiras irmãs.

A criatura olhou para ele e depois estudou Lara dos pés à cabeça. Meneou a cabeça timidamente e respondeu, numa voz plácida, até bonita:

— Maria Rosa.

Lara olhou para o pai e quis saber:

— Onde achou?

O almoço dominical da família Schneider foi servido pontualmente às treze horas. Emília, sempre muito silenciosa e com um meio sorriso estampado no rosto, serviu Otto com um suculento pedaço de vitela, arroz branco e sua salada de laranjas. Depois, com a mesma quietude, serviu a novata, sentada ao lado de Otto e Lara. Sorriu meigamente para a menina e finalmente sentou em seu lugar, pondo sua comida. Eles, então, fecharam os olhos. Otto agradeceu a Deus pela comida e pediu saúde e paz para todos. Lara percebeu que Rosa ficou o tempo todo de olhos bem abertos, como se prestes a devorar de uma só vez a comida. Quando começaram a comer, Lara notou o desconforto e a falta de jeito que a menina tinha com os talheres; derrubou quase toda a comida na toalha de mesa nova que sua mãe encomendara para o almoço de domingo. Lara sentiu um calafrio. Sabia o que acontecia nas vezes que seu pai se aborrecia com desperdício de comida. Ela imediatamente olhou para ele, com o fôlego suspenso. Otto encarou Rosa e sorriu, juntando a comida de volta no prato.

— Vai aprender a comer como a gente. — falou ele, fazendo um carinho no rosto da menina.

— Ela vai morar aqui, Sr. Schneider? — perguntou Lara, no tom e no volume certo de voz para se falar com o pai.

— Sim, Lara. Rosa será uma de nós. Os pais dela morreram e agora somos sua nova família.

Emília abriu um sorriso condescendente para Rosa e completou:

— Você terá todo o nosso amor, meu anjo.

Lara sorriu e fez um carinho no ombro estufado de Rosa, confessando:

— Sempre quis ter uma irmã.

Rosa encarou todos na mesa, mas não articulou nada. Voltou a se concentrar no prato.

Carlos Gardel cantava agora no rádio de Otto. Ele, sentado em sua poltrona preta, coberta com uma pele de puma, cantarolava e fumava seu cachimbo. Rosa e Lara estavam no sofá da frente, observando-o com atenção. Como se alheio às filhas, o militar mergulhava no tango e deixava sua mente voar, assim como a fumaça sinuosa que expirava subia pelo ar, ganhando contornos desconexos. Lara sorriu para Rosa e cochichou:

— Ele teria sido um grande cantor.

Rosa sorriu. Otto percebeu o cochicho e fitou as filhas.

— Estão inquietas?

Lara prendeu o fôlego. Sabia o que acontecia agora. Seus dedos ficaram gelados e teve de se segurar para não sorrir.

— Não, Sr. Schneider. — respondeu, dando um cutucão em Rosa.

— *Não, Sr. Schneider.* — emendou a novata, pegando a deixa da irmã.

Otto assentiu, com um sorriso satisfeito de canto de boca. Ele levantou seu corpo pesado da poltrona e saiu da sala. Lara se virou para Rosa.

— Por que seus pais morreram?

— Eu não gosto de falar disso. Eu choro.

— Quantos anos você tem?

— Onze.

— A minha idade.

— Você me ama?

Lara encarou Rosa nos olhos depois da pergunta. Esperou um momento e, quando abriu a boca para responder, Otto entrou de volta na sala. Ele carregava a caixinha de chocolates na mão e, embaixo do braço, um embrulho pardo. Colocou os dois sobre a mesinha-de-centro e ficou de cócoras, na frente das filhas. Lara levantou e segurou Rosa pela mão. O militar apontou seu dedo indicador para cada uma de suas bochechas e sentiu as filhas colarem seus lábios úmidos em

cada uma delas. Lara sentiu os pêlos da barba dele furarem sua pele. Otto abriu em seguida a caixa de chocolates e tirou um. Entregou-o a Rosa, que comeu rápido, deliciando-se com o sabor. Lara a observou nesse momento. Sentiu o pai pegar sua mão e colocar um chocolate nela. Ela sorriu e comeu. Rosa olhou para o restante dos chocolates e meteu sua mão dentro da caixa, pegando quatro de uma só vez, sem qualquer vexame. O queixo de Lara veio ao chão diante da ousadia e loucura da outra. Otto trocou um olhar com Lara e assentiu com a cabeça, relevando a grosseria. Rosa começou a devorar os chocolates com gana, sentando-se de volta no sofá, agora com os pés confortavelmente nas almofadas de cetim. Otto acariciou o rosto de Lara e sussurrou em seu ouvido:

— Ela é apenas tímida, filha, tenha paciência com ela.

Lara fez que sim com a cabeça e olhou para o embrulho pardo. Otto sorriu e pegou-o. Ela estendeu a mão, mas viu o pai levantar e ficar de frente para Rosa. Esta sorriu e perguntou:

— O que é isso, Sr. Schneider?

— Abre.

Rosa pegou o embrulho e, ainda com os dedos sujos de chocolate, abriu sôfrega o pacote. Seus olhos brilharam e a boca escancarou em franca surpresa. Uma boneca novinha estava em suas mãos.

— Eu nunca tive uma boneca assim antes!

Ela, num ímpeto de felicidade, abraçou Otto com força no pescoço e conseguiu fazê-lo se desequilibrar e cair no chão. Lara sorriu.

— Que boneca linda, Rosa. Parabéns.

Rosa levantou e beijou Otto na bochecha. Virou-se para Lara e entregou a boneca a ela.

— Eu deixo você brincar também. Podemos ser as mães dela.

— Legal.

As irmãs se abraçaram.

A casa dos Schneider foi coberta pela chuva naquela noite. A construção em tijolos à vista e com eras subindo pelas laterais foi

encharcada com uma tempestade de verão, cujos relâmpagos iluminavam seu interior como verdadeiros faróis litorâneos. Emília terminou de lavar a louça do jantar. Quando se virou para pegar um guardanapo, topou com Rosa na cozinha, encarando-a, estática.

— Que susto!

— Eu não quis assustar a Sra. Schneider.

Emília sorriu e confidenciou:

— Pode me chamar de mãe.

Rosa sorriu e sentou à mesa.

— O que achou do jantar?

— Cozinha muito bem. Adorei. Quer que eu te ajude com a louça?

— Já terminei.

— Eu posso enxugar e ajudar a guardar.

Lara, já metida em seu pijama, veio pelo corredor ouvindo a conversa na cozinha. Parou e, escondida, observou Rosa enxugando a louça para a mãe.

— Obrigada! Você é muito prestativa. — sorriu Emília, afagando o rosto de Rosa — Agora é hora de dormir. O pijama que compramos é lindo.

— Vou por.

— Escovou os dentes?

— Sim, a Lara me ajudou a passar aquele negócio...

— O fio-dental?

— Isso!

— Boa-noite, querida.

— Boa-noite, mãe.

Rosa abraçou Emília e deixou a cozinha. Lara saiu depressa de onde estava escondida. Emília cruzou os braços e recostou-se na bancada da pia. Olhou para o relógio na parede. Eram dez horas. Estava na hora. *Deus, Pai Todo-Poderoso, me ajude... me dê Sua graça...* Em poucos instantes, tudo, para sua desgraça, recomeçaria.

Rosa se olhou no espelho. O pijama era cor-de-rosa e, apesar de um pouco largo devido a sua magreza, caíra bem. Lara, deitada na cama, sorriu e comentou:

— Ficou bonita. Vai engordar um pouco e ficar melhor ainda.

— Obrigada. Eu vou mostrar pra mãe e pro Sr. Schneider.

Quando Rosa se encaminhou para a porta, Lara pulou da cama e segurou o braço da irmã, impedindo-a.

— Você não pode sair agora!

— Por que não?

— A gente tem banheiro e água aqui dentro. Não podemos sair. É contra as regras.

— Mas é só hoje.

— Não faz isso. O pai vai brigar com você.

Rosa pensou por um momento e disse, segura:

— Ele não vai não.

Lara a estudou e lembrou das palavras do pai: *Ela é apenas tímida, filha, tenha paciência com ela.*

— Rosa, vamos dormir. Amanhã você mostra na hora do café.

— Tá bem.

Ela deitou no colchão ao lado da cama da irmã.

— Papai vai comprar uma cama pra você. — disse Lara.

— Eu sei. Ele já me falou.

— Tem medo de escuro? Posso deixar o abajur aceso.

— Não se preocupe. Eu não tenho medo de escuro.

— Tá. Boa-noite.

— Boa-noite.

Lara apagou a luz e o quarto mergulhou na escuridão.

— Lara?

— Que foi?

— Você me ama?

O estampido do trovão pareceu reverberar somente dentro do quarto. Lara deu um grito e pulou da cama, assustada e com a testa encharcada de suor. Ela acendeu o abajur e respirou fundo, tentando se recuperar do susto. Passou a mão pelo rosto e pediu a Deus que

aquele temporal passasse logo e a noite ficasse calma e sossegada novamente, perfeita para dormir e sonhar. Quando se virou para o lado, arregalou os olhos, percebendo que estava sozinha no quarto. Desceu da cama devagar e caminhou até a porta do banheiro. Deu um toque e esperou. Ninguém respondeu. Segurou a maçaneta e empurrou a porta. Acendeu a luz e o banheiro estava vazio. *Rosa!*

Lara sabia o que podia acontecer se caso fosse pega onde estava, no corredor da casa, naquela hora da madrugada. Seu queixo batia rápido, mas sabia que não estava com frio, era medo dos tacos barulhentos do chão despertarem seu pai. Ela se perguntou onde Rosa se metera naquele horário. Será que estava com fome e fora até a cozinha? Lara se segurou para não gritar de pavor devido ao forte estrondo dos trovões lá fora. Olhou para o corrimão da escada e agachou-se, de modo que, por entre as frestas, pudesse ver a entrada da cozinha. Percebeu que a luz estava apagada. *Cadê você, Rosa?* Lara levantou e tentou pensar onde a nova irmã pudera ter se metido. Desceu as escadas e foi até a sala. Ninguém. Subiu de volta as escadas e deu alguns passos incertos, sem saber para onde estava indo. Foi nesse momento que Lara notou duas coisas: a chuva havia silenciado e, em seu lugar, outro som inundava a casa, um miado. Ela sentiu o peito pular quando constatou que o som vinha do quarto dos pais. Cautelosa, começou a dar passos lentos em direção à porta do quarto do Sr. Schneider. O medo fez Lara juntar as mãos numa prece, pedindo a Deus para Rosa aparecer logo. Entretanto, Deus parecia ocupado demais naquele momento para ouvi-la. Lara começou a chorar e estacou diante da porta do quarto dos pais. Tremendo, tocou a maçaneta, mas logo tirou os dedos, como se tivesse levado um choque. Ela, então, dobrou seus joelhos e, pelando-se de medo, espiou com muito cuidado pelo buraco da fechadura.

Rosa entrou no quarto e encontrou Lara sentada na cama.

— Oi.

Não houve resposta. Rosa percebeu que, nas mãos da irmã, estava sua boneca.

— Tá brincando com ela? A essa hora?

Lara encarava a boneca nas mãos, estática e muda. Rosa a estudou por um momento e perguntou:

— Saiu do quarto?

Lara lançou a ela um olhar frio. Estava com os olhos avermelhados de quem chorou. Calmamente, levantou da cama com a boneca nas mãos e ficou de frente para Rosa, que perguntou, ansiosa e aflita:

— Você me ama?

Lara, completamente muda, arrancou a cabeça da boneca.

3. CACO

Você me ama? Você me ama? Você me ama? Desde que se entendia por gente, essa era a pergunta que Rosa sempre fizera em dez anos de existência. Parecia um tipo de mantra, que a deixava segura de que, algum dia, alguém poderia lhe responder um SIM capaz de fazê-la parar de perguntar. Simplesmente era como respirar, comer, dormir, uma condição para a sua sobrevivência. Estava agora perguntando à grande plateia que a assistia cantar. Os holofotes não saíam dela nem por um segundo, e a sensação de estar sobre o palco, vendo todos aqueles desconhecidos adorando sua voz, querendo ouvi-la mais e mais, era decididamente intoxicante. Sentia que, a cada nota que sua voz produzia, emitia uma vibração a qual todos respondiam com ovação.

Os aplausos confirmavam o seu talento e o amor que seus fãs nutriam por ela. Ela sorriu e pensou: *Eles me amam. Eles me amam.* Suas lágrimas escorreram pela face, sem cerimônia. Estava felicíssima. Cantara e agradara. Olhou para seu longo vestido azul brilhante de paetê e pensou na mãe, em como ela gostaria de estar desfrutando aquele momento glorioso em seu lugar. Rosa sentiu o coração palpitar e precisou se apoiar no pedestal do microfone para não desfalecer em êxtase. Restava ainda o próximo *show*, a próxima turnê, sua próxima vida. Não podia parar ou deixar que a parassem. Reunindo em si forças, sorriu o melhor de seus sorrisos e observou, pouco a pouco, a plateia se acalmar e esperar pela outra canção. Rosa se concentrou e fechou os olhos.

O momento agora seria de amor, carinho, uma música para os apaixonados. Abriu a boca e começou a cantar. Sentiu a vibração perfeita e imaculada das cordas vocais produzirem o som belíssimo de sua voz, na altura e no tom certos. Entrou no espírito da canção e

deixou-se enlevar; cantar era como uma grande viagem de sonho, um ópio que a entorpecia e deixava sua consciência liberar tudo aquilo que lhe era de mais secreto. Esse estado era a melhor parte, depois do amor do público. Rosa não evitou as lágrimas e abriu seus braços.

Enquanto cantava, conseguiu discernir, no fundo da plateia, um grito. Prosseguiu sua canção, mas foi por pouco tempo. Imediatamente baixou os braços e abriu os olhos. Não havia mais como cantar. Agora, só lhe restava ficar calada. Por entre os rostos da plateia à sua frente, correu seus olhos amarelos na tentativa de localizar a fonte dos gritos. Eles, ainda indistintos, ficaram mais altos de repente, inundando todo o *show*. Eram gritos guturais, que lembravam animais em pleno rompante de cio. Rosa chorou e relutou por um momento em fechar seus olhos. Entrementes, não havia outra opção, tinha de acordar.

Quando abriu os olhos, sentiu a dor comum nas costas. O colchão de sua cama estava muito fino e as almofadas que colocara em baixo dele na noite anterior haviam caído todas no chão. O som do rio ao lado de sua casa lhe veio como um comprovador de realidade. Estivera sonhando mais uma vez. Teve vontade de chorar e voltar a dormir, mas agora sabia que já não havia mais nada que pudesse fazer para recuperar seu estado de felicidade onírico. Olhou para o cômodo apertado que chamava de quarto e enxugou as têmporas molhadas de suor. Era uma noite abafadíssima e Rosa cogitou a possibilidade de se banhar nua no rio. Desceu da cama e sentiu a madeira podre e húmida vibrar sob seus pés descalços. Procurou pelo quarto sua boneca de pano. Encontrou-a no chão — caíra do prendedor atrás da porta. Segurou-a em seus braços e destravou a tramela, saindo do quarto.

O corredor minúsculo era o preâmbulo dos gritos. Ali, tudo ganhava uma proporção ainda maior. Rosa ficou por um tempo parada, mergulhada na escuridão. Tentou discernir se havia alguma diferença naquela noite, se os gritos eram mais fortes ou mais fracos. Pareciam iguais, ritmados e sôfregos. Rosa apertou sua boneca contra o peito e começou a caminhar. Seus passos eram lentos, hesitantes. Mesmo sabendo que estavam bem acordados, não queria chamar a atenção

para si. Ela, então, veio se aproximando e não demorou a ficar de frente para a porta de madeira. Dali, os gritos eram ainda mais altos. Rosa também queria gritar, ser ouvida, ser vista, ser percebida. Por que somente eles podiam gritar daquela forma? Por que não eram as suas vozes horríveis que permaneciam trancadas na garganta, presas sem poder voar e chamar todos para ouvir? O sentimento de injustiça lhe tomava e rapidamente as lágrimas desciam, sempre mudas, sempre duras e secas, como se, mesmo para caírem ao chão, fizessem um esforço deliberado somente para, no trajeto, cortarem suas faces e deixarem-na ainda mais feia. Rosa respirou fundo e decidiu que já não havia mais tempo. Precisava liberar seu grito ou ele morreria de vez dentro dela. E se ela não pudesse gritar, sucumbiria.

Rosa acordou na manhã seguinte. Ignorou a dor excruciante nas costas e decidiu que o restante do seu dia seria para arrumar a bagunça da casa. Ao sair do quarto, suas narinas foram presenteadas com o cheiro forte de urina, cigarro e uísque que parecia ser exalado de todas as paredes, teto e chão. Franziu a testa e soube que teria muito trabalho. Olhou de relance para suas mãos e contou nove calos novos. *Droga!*, praguejou. Comparou sua mão com a da professora da escola, que já não via há meses. Eram mãos tão delicadas. E Rosa sabia que cantoras deveriam ter mãos de anjo. Chegou à cozinha e começou logo a preparar o café da manhã. Não havia muito na dispensa, somente o mesmo de sempre: pão e ovos. Ferveu a água do chá de hortelã e, quando ficou pronto, tomou um gole bem farto, sentindo seu grito ser acariciado pela bebida. O pão se recusou a ser cortado, então, decidiu matá-lo afogado dentro da xícara de chá. Rosa olhou para o sol que adentrava pela janela e pensou que aquele poderia ser um ótimo dia para gritar, voando pelos ares feito as sacolas de plástico que catava na rua.

Elma entrou nesse momento na cozinha.

— Cadê meu café?

— Não tem café. Fiz chá.

Rosa estudou o rosto da mãe. A pele negra e os olhos mais pretos ainda pareciam, de algum modo, arroxeados. Sabia que aquilo